

UM JORNAL UCRANIANO NO BRASIL E AS NOTÍCIAS DE UM GENOCÍDIO NA EUROPA

DOI: 10.5935/2177-6644.20180025

A UKRAINIAN NEWSPAPER
IN BRAZIL AND THE NEWS
OF A BIG GENOCIDE IN
EUROPE

UN PERIÓDICO UCRANIANO
EN BRASIL Y LAS NOTICIAS
DE UN GENOCIDIO EN
EUROPA

Laurenço Resende da Costa *

PRADO, Anderson. **Holodomor (1932-1933):** repercussões no jornal ucraniano-brasileiro Prácia. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2018.

A presença de imigrantes ucranianos e seus descendentes no município paranaense de Prudentópolis já ultrapassou um século, as primeiras famílias com essa ascendência chegaram no Paraná ainda na última década do século XIX. Mas, os ucranianos durante os mais de cem anos em que passaram a fazer parte da composição da sociedade prudentopolitana mantiveram, ainda que reconfigurada, sua identidade, bem como buscaram, na medida do possível, deixar abertos os canais de informações e contato com a Ucrânia.

Um dos elos fundamentais para que esse contato com a terra dos antepassados não cessasse era a Igreja. No caso de Prudentópolis esse intercâmbio se dava basicamente por intermédio da Igreja Ucraniana Católica de Rito Oriental (no município não há Igreja Ortodoxa, também seguida por parte dos ucranianos). A história da vinda dos padres da Ordem de São Basílio Magno (OSBM) e das freiras da Congregação das Irmãs Servas de Maria Imaculada (ISMI) para a cidade se misturam à própria história da imigração. Além do trabalho pastoral nas comunidades, a Igreja Ucraniana manteve

* Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Professor de História da Secretaria Estadual de Educação do Paraná, SEED-PR. E-mail: resendedacosta@gmail.com

intensa produção escrita, entre elas está a do jornal *Prácia*: uma das fontes principais da pesquisa que resultou no livro publicado de Anderson Prado. O trabalho, fruto da sua Tese de Doutorado em História defendida em 2017 na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, discute como o *Holodomor* foi noticiado pelo jornal ucraniano-brasileiro *Prácia*.

No início da década de 1930, no auge da crise econômica mundial gerada pela “quebra” da Bolsa de Valores de Nova York, a Ucrânia, que fazia parte da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), sofreu com a política stalinista que levou milhões de ucranianos ao óbito (estima-se em sete milhões o número de pessoas mortas entre 1932 e 1933). Esse episódio que ceifou tantas vidas é denominado pelos ucranianos como *Holodomor*, ou seja, “morte pela fome” numa tradução literal. Porém, tal episódio não é reconhecido por boa parte da Comunidade Internacional. Apenas 26 países reconhecem que houve um genocídio na Ucrânia (PRADO, 2018. p.63).

De forma conjunta ao estudo do evento propriamente dito é possível, na leitura do livro, perceber como o cerceamento da liberdade de imprensa é fundamental para que episódios como o do *Holodomor* fiquem mal conhecidos. A censura aos jornais dentro da União Soviética, assim como a restrição de atuação de jornalistas estrangeiros, gera posicionamentos de afirmação da ocorrência das mortes e ao mesmo tempo de negação. Os ucranianos lutam para o reconhecimento dos fatos ocorridos no país entre 1932 e 1933, enquanto o governo de Moscou simplesmente nega e produz a sua narrativa levantando suspeição da existência de tal fato.

Outro fator importante na leitura do trabalho referenciado é a origem do jornal, ou melhor, o seu lugar social dentro da comunidade de ucranianos e descendentes no Brasil. O periódico foi fundado em 1912 e publicado exclusivamente em língua ucraniana até 1998 quando passou a ser bilíngue. Com sede no município paranaense de Prudentópolis, de propriedade dos padres ucranianos da Ordem de São Basílio Magno (OSBM), o jornal apenas deixou de circular na primeira metade da década de 1940 durante o Estado Novo. Isso ocorreu devido às restrições impostas pelo governo Vargas as línguas estrangeiras.

Portanto, os diretores e redatores do jornal estão intimamente ligados as questões de interesse da comunidade ucraniana no país. Porém, isso não quer dizer que o documento não seja confiável, apenas aponta para a necessidade e/ou possibilidade da feitura do sempre bem-vindo exercício de crítica externa e interna da fonte. Além disso, conforme dito acima, a censura aos meios de comunicação nas repúblicas soviéticas era

forte, nesse contexto um periódico, ainda que sediado no estrangeiro, que noticia fatos desabonando o governo de Stálin é fundamental para se romper com a narrativa oficial. Isso permite que haja condições de se pautar a questão sob o prisma dos dominados e não apenas dos dominantes.

O desafio de Prado (2018) foi analisar como um jornal em uma pequena cidade do interior do Brasil, escrito em ucraniano, rompeu com o silêncio a respeito do caos humanitário que ocorria na Europa. Para compreender como e porque tal fato ocorreu, bem como os motivos da ausência de cobertura internacional àquilo que acontecia nos campos ucranianos, o autor faz uma análise da política e da economia soviética sob Stálin.

Importante ressaltar que os ucranianos já haviam sofrido com a dominação dos czares, assim como do Império Austro-Húngaro, e protagonizaram diversos levantes contra a dominação estrangeira ao longo de sua história. Seus poetas e suas canções normalmente falam a respeito da opressão estrangeira e da luta pela independência. Quando a URSS foi criada, mas principalmente quando Stálin assumiu o poder, a Ucrânia passou a ser controlada com mão de ferro, pois havia um histórico de levantes ucranianos. O governo soviético buscou nos campos da Ucrânia, a partir dos planos quinquenais, parte significativa dos recursos para enfrentar a crise pós 1929. De acordo com o trabalho de Prado (2018), a coletivização dos campos e o confisco da produção de cereais foram as grandes causadoras da fome e das mortes.

Em dezembro de 1932 o *Prácia* publicou, junto à uma reportagem sobre a situação vigente na República Soviética, imagem de um recipiente com pedaços de carne, o redator do jornal sugeriu que esta seria de origem humana (PRADO, 2018. p. 76). No período do *Holodomor*, portanto, a falta de alimentos e a fome foram tão extremas que levaram as pessoas ao antropofagismo. Além disso, o autor analisou as lembranças relatadas por alguns prudentopolitanos em face das notícias que liam no referido periódico. Dessa maneira, além das discussões acerca do episódio do *Holodomor* propriamente dito, Prado (2018) teceu importantes considerações sobre a utilização dos jornais como fonte histórica, assim como as memórias dos seus leitores.

Portanto, o trabalho, além das fontes impressas, também foi pautado a partir de fontes orais com entrevistas feitas com leitores. Prado (2018), a partir das conversas gravadas, analisou a memória de seus entrevistados não apenas como lembranças individuais, mas também como fruto de memórias coletivas que eram compartilhadas

por toda a comunidade de ucranianos e descendentes que viviam no país e de modo especial àqueles residentes em Prudentópolis que liam o *Prácia*. O *Holodomor* é tratado como um trauma coletivo pelos ucranianos (PRADO, 2018. p. 149).

Além das entrevistas com leitores do jornal o autor entrevistou duas sobreviventes do macabro episódio, duas mulheres que vivenciaram a fome e presenciaram milhares de mortes, conseguindo sobreviver para contar a experiência traumática vivida nos campos ucranianos. Ambas, com mais de 90 anos, residentes nas cidades paranaenses de Londrina e Curitiba, narraram suas reminiscências acerca do episódio. Nesse ponto o historiador precisa estar atento, não apenas para as formas de gravação e transcrição, questões técnicas já dominadas por quem utiliza a metodologia da História Oral. O pesquisador precisar lidar com a memória viva e esta, sobretudo quando toca em fatos traumáticos, exige um aparato teórico sólido e ao mesmo tempo sensibilidade para não ultrapassar limites e invadir a intimidade além do que o entrevistado permitiu.

As lembranças gravadas, transcritas e citadas de Wira Wodolaschka e Lara Basan (o nome “Lara Basan” é fictício e foi usado pelo autor atendendo pedido da entrevistada e da família), mostram como as memórias narradas não são algo que ficou no passado e que apenas surge como bruma que se dissipa no ar. Revisitar reminiscências ajuda a perceber como as visões de mundo são construídas e como estas moldam o presente em sua relação dialética com o passado.

Wira Wodolaschka nasceu em 1924, portanto, quando a grande fome assolou os campos ucranianos ela tinha aproximadamente 8 anos (PRADO, 2018. p. 152). Quando ela nasceu faziam apenas cerca de 7 anos que a Revolução Russa havia derrubado o czar Nicolau II e apenas dois anos da criação da URSS. Esses dados são importantes para se perceber que muitas coisas que ela relata, por exemplo, o contraste da situação do país antes do “comunismo” e como ele ficou após a integração ucraniana à URSS, é fruto de memórias herdadas dos pais e pessoas mais velhas e de lembranças que são reconstituídas no momento da fala gravada.

A memória traz à tona as relações sociais travadas ao longo de uma vida. Mas, em seu estudo há também os aspectos psíquico/biológicos, pois há fatos que se quer esquecer e não consegue e existem aqueles que se deseja lembrar que simplesmente se esvanecem. A memória, coletiva e individual, é uma seleção constante de dados/informações/percepções fruto das experiências acumuladas. Nem sempre isso se dá de modo consciente e muitas vezes o lembrado não é verbalizado.

Na falta de registros escritos a metodologia da História Oral é fundamental, mas evidentemente há um limite para ela, pois seu limiar é a própria expectativa de vida das pessoas. Essa limitação foi evidenciada no livro, pois ao longo da pesquisa foram localizadas três pessoas sobreviventes do *Holodomor* que viviam no Brasil, mas no decorrer dos trabalhos uma delas, devido a sua idade avançada e estado de saúde não pode ser entrevistada (PRADO, 2018. p. 152).

Mas, as testemunhas oculares do *Holodomor* aos poucos estão desaparecendo, tendo em vista que já decorreram mais de 80 anos de tal evento. Nesse quesito a pesquisa apresentada pode adquirir ainda mais relevância, pois pode ser no Brasil, um dos únicos trabalhos que trazem a memória de pessoas contemporâneas e que viveram a experiência do ocorrido na antiga República Soviética da Ucrânia entre os anos de 1932 e 1933.

Mas, esse acontecimento presente na memória dos entrevistados pelo autor, bem como as mortes dos camponeses na Ucrânia ocorreram sem uma cobertura da imprensa internacional da época, daí a relevância do estudo publicado no livro "*Holodomor (1932-1933): repercussões no jornal ucraniano-brasileiro Prácia*". O resultado da pesquisa, longe de responder a todos os questionamentos e controvérsias que o tema gera - lembrando que não há consenso dos países sobre a existência ou não de um genocídio na Ucrânia entre 1932 e 1933 em razão da fome - chama a atenção para a necessidade de novos estudos a respeito do assunto.

Prado (2018) também destaca como os periódicos ucranianos editados no Brasil, especialmente aqueles dirigidos pelos padres basilianos (OSBM), foram/são uma fonte de informações para que os imigrantes e seus descendentes soubessem o que ocorria na terra dos antepassados. Além disso, no trabalho é demonstrado como o *Prácia* é um símbolo para a comunidade de ascendência ucraniana em Prudentópolis, pois pode ser explorado e entendido como uma ferramenta que auxilia na manutenção da língua, da religião e da cultura de um modo geral.

A manutenção do jornal por mais de 80 anos de modo monolíngue e que ultrapassa 100 anos de edição somando-se o período bilíngue ucraniano-português, demonstra a vitalidade da língua ucraniana e a identificação que os prudentopolitanos, com ascendência ucraniana, têm com o periódico e que o "cordão umbilical" com a terra dos antepassados não foi totalmente cortado.

Os sacerdotes ucranianos que chegaram à Prudentópolis vieram para o Brasil depois de reiterados pedidos dos imigrantes que se instalaram no município (que à época

ainda não havia se emancipado e se tornado politicamente independente de Guarapuava, a separação se deu em 1906). Desde o início de suas atividades pastorais os padres (OSBM) tiveram a preocupação de criar seus periódicos de cunho litúrgico, mas também com orientação cultural e social. Importante destacar que a primeira Eparquia Ucraniana no Brasil – equivalente a uma Diocese - foi autorizada pelo Papa Paulo VI apenas em 1971. Isso fazia com que, embora subordinados às Dioceses Latinas, os sacerdotes ucranianos mantivessem intenso intercâmbio com a Igreja Católica de Rito Oriental na Ucrânia. Nessas interações os materiais editados no Brasil, com o alfabeto cirílico, eram fundamentais.

Em Prudentópolis foi erigida a Eparquia de Nossa Senhora da Conceição em 2014, isto se deu após a Eparquia de São João Batista, criada em 1971 em Curitiba, ser elevada à condição de Arquieparquia (Arquidiocese). A criação dessa instituição soa como algo natural e até esperado, uma vez que há no município um elevado número de descendentes de ucranianos e instituições ligadas ao clero ucraniano e ao país de origem (Museu do Milênio, Colégio Santa Olga, Colégio Imaculada Virgem Maria, Paróquia São Josafat, Praça *Tarás Chevtchenko*, entre outras).

Além disso, as edições do *Prácia* impressas atualmente não ficam apenas em Prudentópolis, há assinantes em diversos municípios paranaenses e de outros estados brasileiros. O periódico também é enviado para pessoas em países da América e da Europa.

A partir disso pode-se dizer que o livro *“Holodomor (1932-1933): repercussões no jornal ucraniano-brasileiro Prácia”*, não se restringe ao seu foco central que é a problematização das notícias sobre as mortes na Ucrânia em razão da fome no início da década de 1930. O texto permite ao leitor mergulhar na História da imigração ucraniana para o Brasil; possibilita analisar as relações internacionais, passadas e presentes, entre a Rússia e a Ucrânia; fornece subsídios a pesquisas sobre língua e cultura ucraniana no país, entre outros aspectos.

Portanto, a obra a partir da qual são feitas as reflexões e os apontamentos acima é antes de tudo um convite ao estudo do *Holodomor*, mas não para ser “lido” como fato dado e de forma acrítica. Os discursos que negam a existência dos milhões de óbitos no período, bem como aqueles que reivindicam seu reconhecimento e uma retratação pública de Moscou, são por si sós objeto que permitem ao leitor perceber as tensões políticas e sociais que abalaram o século XX. O tempo e o espaço em que o discurso é

produzido são fundamentais para as compreensões/conclusões que poderão ser tiradas dessa leitura.

Nesse sentido, a pesquisa de Anderson Prado preenche uma lacuna da História e revela muitas outras ainda vazias que esperam um pesquisador, historiador ou não, para realizar o seu preenchimento. Ao contrário do que se pensou outrora, as fontes históricas não falam por si sós. Elas precisam ser questionadas, foi isso que o autor fez com o periódico e o resultado foi este que ora é referenciado.

Para concluir é importante ressaltar a riqueza do acervo documental do centenário jornal ucraniano-brasileiro *Prácia*, que aos poucos começa a subsidiar importantes pesquisas acadêmicas. O livro de Anderson Prado é prova disso e ao mesmo tempo se torna uma provocação para que novos estudos sejam realizados tendo como fonte histórica os textos impressos com o alfabeto cirílico.

Recebido em: 03 de julho de 2018.

Aprovado em: 13 de novembro de 2018.